

O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria—D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as provincias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Principe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

ESPELHO

Peregrinas.—O Sr. Octaviano Hudson brindou o publico com uma collecção de mimosas poesias, sob este titulo.

Os seus cantos são na maior parte lyricos, e entre elles encontramos alguns de alto merito, cuja har monia pôde comparar-se com a que se nota em Lamartine, André Chenier, e outros lyricos tão suaves e melodiosos como esses.

Este livro, offerecido á classe academica e á Liga operaria, merecerá sem duvida a condescendencia desses moços intelligentes e esperançosos, que considerarão que, neste seu primeiro trabalho, o Sr. Hudson revelou o bom gosto com que poetisa, e a cadencia da rythma.

O poeta "tem soffrido e tocado a realidade da vida", mas no meio de tantos soffrimentos o scepticismo não lhe desafinou a voz; pelo contrario, o poeta fita os olhos na —Esperança— que é a deusa dos que crêem e tem fé, e caminha de frente erguida.

Agradecendo o exemplar com que nos mimoseou o Sr. O. Hudson de suas locubrações, asseguramos-lhe que elle occupará na nossa modesta bibliotheca o lugar á que tem jus; e que é com o mais vivo prazer que emittimos nesta occasião a nossa humilde opinião sobre as suas —PEREGRINAS—, que vão correr mundo, e louvores mais altos merecerão sem duvida.

Publicamos na secção competente a poesia A ESMOLA DO POBRE, de Julio Diniz. E para ella chamamos a attenção do leitor.

Eucaroce-la com os nossos elogios seria antecipar aos nossos assignantes o prazer, mesclado da mais justa admiração, que sentirão lendo este primoroso trabalho, em que se revela a grandezza dos sentimentos desse festejado romancista e poeta, que a morte roubou cedo á patria de Camões, Herculano, Castilho, e outros genios que a tem enobrecido.

Echo Popular e o Catholic.—São estes os titulos de mais dous campeões da imprensa, dos quaes o n. 1 daquelle sahiu ao lume da publicidade no dia 27 de Julho na cidade da Cachoeira, provincia da Bahia, e o 2.º nacidade da Diamantina a 22 do mesmo mez, em Minas. São mais dous lidadores que vêm conquistar terreno nas discussões variadas que a cada passo se levantam em o nosso paiz.

A ambos os contemporaneos dezejamos largos dias de venturas na santa cruzada que encetaram.

Soneto enigmatico.—O Sr. Desiderio de Sá e Almeida, leitor constante do nosso Semanario, remetteu-nos a decifração deste soneto, que publicámos no n. 32, e é : a letra M.

Agradecemos a delicadeza, e retribuimol-a deste modo.

O DOMINGO

Rio, 23 de Agosto de 1874.

Ainda a tolerancia

Pode o requinte da malicia destruir a essencia do homem? Não é elle o enfermo perigoso, que mais reclama os cuidados do medico empenhado em sua cura?

Por maior que nos pareça o peccado, por mais enorme que se nos figure o crime, o delinquente é sempre uma creatura formada á imagem o á semelhança do Eterno, remida com o sangue preciosissimo de um Deus, e como tal, pôde a qualquer hora encontral-o infinitamente mais misericordioso e compassivo que o pae do prodigo, para recebê-lo e abraçal-o, como ao melhor dos filhos. E se Deus procede assim, como pôde o homem aborrecer em tempo algum seu semelhante?

Daqui segue-se necessariamente que o amor dos proprios inimigos, daquelles mesmos que nos induzem ao erro e á perdição; o dever de chamal-os ao conhecimento da verdade, sem jámais molestal-os nesse caritativo empenho, são condições indispensaveis para a execução do preceito encerrado nestas palavras: "Tu adorarás o Senhor teu Deus, e somente lhe servirás", que se lê no Evangelho.

Portanto, a tolerancia religiosa não é um perigo para a religião catholica, apostolica romana, é, pelo contrario, uma obrigação indeclinavel para todos aquelles que a professam, obrigação que lhes ministra um meio efficaz de melhor se conhecer o quanto esta religião excede a qualquer outra, pela magestade de seu culto, pela pompa de suas augustas cerimoniaes, pela santidade de seus dogmas, pela pureza, finalmente, das virtudes que só ella ensina.

E de feito, os dogmas catholicos ficam a perder de vista tudo que não é, como elles, obra do céu!

E não ha quem ignore o que se passa actualmente na Europa, e em nossa America, no mundo inteiro, onde as nações mais poderosas, e as mais civilizadas são tambem as mais tolerantes e aquellas que mais acatam e veneram o catholicismo, e onde elle faz mais rapidos e mais admiraveis progressos.

É o que pode receiar uma religião como a nossa, unica possuidora da verdade, que nunca fugio ás discussões, que sempre as aceitou, porque vio sempre nellas novas occasiões de triumpho?

A perseguição contra o christianismo durou seculos; começou no ominoso reinado de Nero, e só terminou com a ascensão de Constantino. E em todo esse longo periodo, o que faziam os christãos?

Investivavam, reagiam, repelliam a força pela força? Não; porque elles sabiam todos, como diz Portalis « que a força nada pôde sobre as almas; que a consciencia é o mais rebelde de todos os nossos sentimentos; que os actos de violencia, praticados em materia religiosa, só operam como meio de destruição; » sabiam emfim, que as reaccões e as invectivas nunca seriam armas felizes para discipulos de um Deus, que tantas vezes ensinara: « Não resistaes ao mal: quando vos ferirem na face direita, offerecei tambem a esquerda. »

Tres seculos consecutivos de perseguições inauditas, de massacres horrozosos, das mais formidaveis hecatombes, serviram apenas para demonstrar com toda evidencia que « contra a mimosa filha do céu jamais prevalecerão as portas do inferno. »

Fundado, sem duvida, nesta verdade inconcussa, Constantino, que se sentia chamado a dar nova direcção ao maior Imperio que o mundo tinha visto, fez publicar o seu famoso edicto chamado de Milão, pelo qual assegurava a todos os seus subditos a liberdade de seguir cada qual a religião que mais lhe agradasse. O effeito desta medida foi maravilhoso! Constantino, diz um escriptor de grande nota « comprehendeu todo o partido que podia tirar da massa dos christãos para restabelecer a ordem no Imperio. »

É o grande politico não se enganava! Elle previo muito bem, que dada a liberdade dos cultos, isto é, a tolerancia com que tanto se apavoram hoje as almas dema-

siado timidias; garantindo o direito de cada qual adorar a Deus pela fórma que melhor lhe parecesse, seguir-se-hia necessariamente, que, aquelle dos cultos que reunisse mais caracteres de verdade, de justiça e santidade, preponderaria sobre os outros a ponto de fazel-os desapparecer todos, um por um. Foi justamente o que aconteceu. E enquanto os templos do paganismo tornavam-se ermos; enquanto os idolos ficavam sem adoradores: « Sobre os restos de humildes capellas arruinadas durante a perseguição, elevavam-se por toda a parte igrejas magnificas, decoradas com um esplendor desconhecido. Sahida dos subterraneos a nova religião manifestava-se á luz do dia... As ceremonias, as pompas religiosas, os canticos dos psalmos, a celebração dos divinos mysterios, attraíam de continuo multidões de toda a idade e de todo o sexo, diz M. Albert de Broglie na sua « Historia da decadencia e da queda do Imperio romano. »

NOTAS DE INTERESSE GERAL

Referem os jornaes de Lisboa uma singularidade bastante curiosa. Dizem que morreu o sineiro de Santa Cruz de Coimbra, uma das celebridades da Lusa Athenas, por ser o mais pequeno dos seus habitantes, por ser o antigo sineiro dos frades crusios, oprimeiro e unico que alli tocou os instrumentos da sua profissão, tendo sido para isso mandado pelos frades a Mafra estudar a maneira por que alli se tocava o famoso carrilhão da sumptuosa basilica fundada por el-rei D. João V.

§
Como sabe-se está actualmente reunido em Vienna d'Autria um congresso sanitario para discutir um projecto de regulamento apresentado pela Allemanha.

Discutio-se a parte do projecto do regulamento relativo ás quarentenas para os casos de cholera, que a Allemanha propunha que fossem abolidas. Foi o projecto com-

— Estaes perdoado, senhor marechal, interrompeu Pedro dando a mão ao governador para levantalo; quiz evitar que estes dois amaveis cavalheiros que teem suportado com tanta cortezia meus caprichos, fizessem mais esta carreira tão longa e aborrecida, porque vim a cavallo do Arsenal onde moro, mas não pude escapar de seu zelo. Senhores, eu sou um Scythia; mas este Scythia tem affeição verdadeira ao rei da França e ao seu povo, deveis acreditar-o.

Naquelle mesmo instante, a maior parte dos officiaes residentes no asylo apresentaram-se avisados pelo conde de Sanit-Florentin.

— Senhores, disse o marechal; fazei reunir a nossa gente. Mando que os Invalidos se postem armados no pateo de honra, para fazerem as continencias.

— Não, não, meu caro marechal, interrompeo ainda o Czar sorrindo-se; já vos disse que eu era soldado, e repito que sou um soldado e não um imperador, que vem visitar hoje os velhos soldados francezes. Onde estão elles n'este momento? perguntou elle aos officiaes.

— Senhor, disse o governador, são horas do jantar; estão no refeitório.

— Pois é no refeitório que eu quero ir vel-os. Vamos, senhores, disse elle tomando familiarmente o braço do marechal, vinde connosco.

(Continúa.)

FOLHETIM

O asylo dos Invalidos

POR EMILIO MARCOS DE SAINT-HILAIRE

(Versão do francez)

CAPITULO II

VISITA DE PEDRO O GRANDE AO ASYLO REAL DOS INVALIDOS

Continuação do n. 39.

— Repito-vos, senhor, que eu quero visitar este asylo e com quanto seja eu de tão boa casa como vós, não quero aqui passar de soldado que vêm ver soldados!... Não se dirá que eu vim inutilmente de Lesdignillières.

A discussão tornar-se-hia mais calorosa, se nesse mesmo instante não chegassem o velho marquez de Char-nancé e o joven conde de Saint-Florentin, a quem cabia acompanharem o Czar nesse dia para Versailles.

— Meu caro marechal, disse o marquez, sua magestade o imperador de todas as Russias, não precisa de licença especial para visitar o asylo dos Invalidos. O vencedor de Pultava está em sua casa, em toda a parte onde houver herões e gloria.

A taes palavras o Sr. de Belle-Isle ficou estupefacto, pôz um joelho em terra balbuciando:

— Ah! senhor, V. Magestade dignar-se-ha perdoar-me?... Eu ignorava que...

batido pelos delegados de diversas nações entre os quaes pelo de Portugal, mas ainda assim o projecto teve maioria.

§
Registremos uma noticia dolorosa. Morreu no dia 26 do passado Guilherme Braga, o poeta das *Heras e Violetas*, do *Bispo* e de outras composições admiraveis. Estava destinado a occupar um dos primeiros lugares entre os poetas portuguezes.

LITTERATURA

O Corsario

(DE LORD BYRON)

XII

Continuação de n. 33.

O mal não é absoluto—despertando-se no coração de Conrado, um sentimento doce ali subestia ainda. Muitas vezes era chasqueado por aquelles que vivem encanados por uma paixão de insensatos ou de crianças; entretanto, contra esta paixão, foi debalde que tentou resistir, e entre elle tambem este sentimento reclamava o nome de amor! Sim, era o amor constante, immutavel, experimentado por uma só mulher, da qual nada o tinha affastado; quasi cada dia as prisioneiras as mais bellas se offercião ás suas vistas, sem as procurar nem as fugir passava friamente junto d'ellas, em sua ilha mais de uma belleza genio captiva nem huma lhe surpreendeu um movimento de fraqueza. Sim, era o amor, se este nome e o de um pensamento de ternura experimentado pelas tentações, fortificado pela desgraça, não enfraquecido pela ausencia, e permanecido sólido sob cada clima e—oh! faz mais raro que os outros!—que o tempo não tem podido deixar; nem suas esperanças desencadeadas, nem seus projectos transtornados não podiam affligir quando ella estava junto d'elle e sorria-se. Diante d'ella sua colera não podia inflamar-se e as dores da enfermidade não tinham arrancar contra ella o menor murmuro de impaciencia; elle a encontrava sempre com alegria, e a deixava com calma, com receio que seu proprio pezar não viesse perturbar o repouso do coração de sua querida. Esta ternura que nada havia interrompido, nem ameaçava interromper, era o amor—se o amor existe para os mortaes!—Sim, elle era criminoso, as accusações cahiam justamente sobre elle,—mas sua paixão era pura. De todas as suas virtudes, uma unica lhe tinha restado, mas aquella o crime elle mesmo tinha podido extinguir o sentimento tão doce.

ALICE DE SÁ REGO.

(*Continúa*)

Mulher celebre

Maria de Medicis, mulher de Henrique IV da França, era um mulher de belleza notavel, mas tinha juizo altivo e um caracter tal que causou a desgraça de seu esposo, suspeitando-se que não fosse estranha á sua morte. Amava com paixão as artes e Rubens muito ficou a dever á sua generosidade. Victima, porém, da ambição de seu conselheiro, o cardeal Richelieu, e da sua propria, foi desterrada de França, privada de todos os soccorros e em toda a parte perseguida pelo implacavel odio daquelle ministro, que em vão tentara derrubar do poder. Apesar

das contestações de alguns escriptores, acredita-se que Maria de Medicis, abandonada dos poucos domesticos que a tinham acompanhado ao exilio, e depois de vender as ultimas joias e utensilios que lhe restavam, acabou seus dias na mais triste miseria a 3 de Julho de 1642.

Pensamentos

A coragem do homem que se despede parece uma offensa, ainda que o não seja: simula desamor, ainda mesmo que as lagrimas saiam do coração como gottas de ferro candente e se derramem nas chagas do peito antes de chegarem aos olhos. A mulher amante quer, ao separar-se, levar a certeza de que deixa uma saudade bastante para matar o coração que a ama. Isso é que lhe dá força para lutar e soffrer. A suprema desgraça é o desalento da duvida, quando a infeliz já por si não tem contra o mundo e contra a desgraça, senão a certeza de ser amada. — *C. Castello Branco*.

Os sepulcros dos homens virtuosos devem servir de altares ao povo. — *Pythagoras*.

Para estender o imperio da verdade não é bastante fazel-a respeitar, mas sim fazel-a amar. — *Segur*.

Os prazeres são tão engenhosos em adular ao homem como os cortesãos ao rei.

A esmola que o orgulho arranca á avareza, não fructifica no ceo. — *Rodrigues Bastos*.

A severidade assusta os anjos e as creanças; aquelles estão acostumados á misericordia de Deus, estas á carinho das mães! — *Penheiro Chagas*.

A lua é o sorriso dos anjos, o rocio celeste que Deus envia todas as noites do seu ceo para os desgraçados:— Esperai, confiai— Eu não vos esqueço. — *Eserich*.

PARTE RECREATIVA

Apanhados

QUEM OS PODERÁ ENTENDER...

Si um periodico tem muita leitura, queixam-se os assignantes de que lhe acham poucos annuncios.

Si o typo é grande, queixam-se os assignantes de que tem pouca leitura.

Si o typo é muito pequeno, queixam-se os assignantes, dizendo que o não podem lêr.

Si se dão noticias telegraphicas, dizem os assignantes que taes noticias são contos.

Si não se dão noticias telegraphicas dizem que o periodico carece de interesse.

Si se publicam «gazetilhas», queixam-se de que os redactores são uns fosseis.

Si se publicam artigos originaes queixam-se os assignantes de que não são demasiados energicos, ou de que os não consultaram a respeito d'elles, ou de que não fica espaço para traducções.

Si se publicam traducções, dizem os assignantes que já as leram n'outros periodicos e que os redactores são uns sarrafaças.

Si se louva alguém, queixam-se os assignantes de que o periodico não é imparcial.

Si não se louva ninguem, dizem os assignantes que os redactores são uns ursos indomaveis.

Si se publicam artigos de modas queixam-se os assignantes de que o periodico se occupa de futilidades.

Si os não publica dizem as esposas dos assignantes de que o periodico não serve de nada.

Si se falla da religião, dizem os assignantes que os redactores, já tem a alma negra como torresmo.

Si os redactores estão sempre no escriptorio, tratando do que tem a seu cargo, accusam-os os assignantes de orgulhosos, que não se dignam visitar o proximo.

Si os redactores precisam por acaso de sahir, dizem logo os assignantes que são estouvados, que não param nunca no escriptorio.

Si se publicam poesias, dizem os assignantes que são muito sentimentaes os redactores.

Si se publica só prosa, dizem que são ignorantes em litteratura, e que carecem de bom gosto.

Si os distribuidores entregam a folha um quasi nada mais tarde, queixam-se os assignantes de que recebem sempre a folha demasiado tarde.

Si os distribuidores se adiantam um pouco á hora do costume, queixam-se os assignantes de que recebem a folha demasiado cedo.

Si se mandam os recibos aos assignantes, dizem que o jornal não tem recursos.

Si se lhes não manda dizem que a administração é negligente.

Quem os poderá entender...

No tribunal *Common Pleas*, de Londres, intentou a menina Elizabeth Bottenheim acção de perdas e danos contra Elias J. Davis, por este haver quebrado a promessa de casamento que lhe fizera. Como ninguem deve ser pobre em pedir, a *miss* exigia quarenta e cinco contos de réis de indemnisação.

O tribunal, á vista das cartas escriptas pelo réu a autora, julgou procedente a acção, limitando porém a quantia pedida a quatro contos e quinhentos mil réis.

A rapariga não fez máu negocio.

Este genero de causas repete-se a miudo, porque os tribunaes seguem um systema especial de julgar.

A esmola do pobre

Nos toscos degraus da porta
De igreja rustica e antiga,
Velha, tremula mendiga,
Implorava compaixão,
Quasi um seculo contado
De atribulada existencia,
Eil-a, enferma e na indigencia,
Que á piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
A' distancia na alameda,
Uma trajava de seda,
De outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre,
Ambas louras e formosas.
Nas faces a côr das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao dexar os jogos,
Vencida pelo cansaço,

Vio a mendiga e ao regaço
Uma esmola lhe lançou,
Ella recebeu-a e a criança,
Que a soccorre compassiva,
Em prece fervente e viva
Aos anjos encomendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuida,
A creança mal vestida
Disse a de rico trajar :
» O prazer de dar esmolas
A ti e aos teus não é dado ;
Pobre como és, coitada,
Aos pobres o que has de dar ? »

Então a creança pobre,
Sem mais sombra de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da igreja se aproximou ;
E, após, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha
Descobriu-se, ajoelha
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada,
Ao collo os braços lhe lançou,
E beijar a dobre creança,
Chorando de commoção,
E' assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola,
Nem só da mão sahe a esmola,
Sahe tambem do coração.

JULIO DINIZ.

Charadas

Se no começo d'esta syllaba
Um *m* acrescentares,
Verás da França um heróe
Entre os reis e militares . . . 1
No principio do mundo
Fui emblema de bondade
Distingui-me d'entre os viventes
E soffri mór crueldade . . . 2
O meu todo assaz curtinho
bonitinho
E' nome muito vulgar ;
E' nome de brasileira
mui fagueira
Que os corações faz captivar.

A. PINHO.

Uma parte do universo
Por mim e só occupado . . . 1
Assim fazia um viajante
Que não estava cansado . . . 2
Se achardes exorbitancia
Não compree caro leitor . . . 2
Sou um nome de mulher
Procura-o em algum autor . . . 2
Sou dois nomes de uma jovem
Que de Venus é a imagem,
Se a virde leitor ficareis
Prestando-lhe homenagem

J. DE B.